

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE ENFERMAGEM E SAÚDE COLETIVA

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO, AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO PEDAGÓGICA EM SAÚDE - EDUCASAÚDE

RESIDÊNCIA INTEGRADA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL COLETIVA

OCUPAÇÃO:

juventudes, literatura e residência na resistência

Aline Britto Miranda

Verão, 2017.

ALINE BRITTO MIRANDA

OCUPAÇÃO:

juventudes, literatura e residência na resistência

Trabalho de Conclusão de Residência
realizado como pré-requisito para
a obtenção do título de Especialista
em Saúde Mental Coletiva

Orientadora: Dra Daniele Noal Gai

Banca Examinadora:

Prof. Leandro Menezes Chagas

Dra. Gislei Domingas Romanzini Lazarotto

Porto Alegre,
2017

*Dedico este trabalho à
todas as juventudes que resistem*

RESUMO

Este trabalho final da Residência em Saúde Mental Coletiva é um texto narrativo à partir de um exercício de cartografar uma experiência de parte de um percurso de uma residente, em um contexto político nacional caótico. Encontro com o *ethos* de ocupar. A partir de uma história literária infanto-juvenil uma conexão de três histórias que versam sobre as juventudes e os conflitos com o Estado. Como principal referência a história infanto-juvenil de Machado e para pensar sobre a Cartografia utilizei como apoio preciosos escritos de Guattari.

Palavras-chave: OCUPAÇÃO, JUVENTUDES, LITERATURA, SAÚDE MENTAL COLETIVA, EDUCAÇÃO, CARTOGRAFIA.

NÃO É SINAL DE SAÚDE
ESTAR BEM ADAPTADO
À UMA SOCIEDADE DOENTE

PREFÁCIO

Era alguma tarde de junho, uma daquelas tardes em que recebíamos pessoas de todos os tipos, lugares, jeitos, cores e tamanhos. Pessoas curiosas, todas com algum interesse no que estávamos fazendo e, junto delas, alguma reação positiva ou negativa.

Havíamos ocupado o Colégio Estadual Paula Soares e eu já perdera a conta de quantas repetidas vezes mostrava a escola e suas precariedades - disfarçadas de peculiaridades - com algum relato sobre a vida dos estudantes secundaristas, em uma escola pública esquecida pelo Estado. Todos queriam saber como vivíamos ali, como nos organizávamos, o que estávamos fazendo, o porquê estávamos fazendo, como entramos, quando iríamos sair dali... E sabíamos a resposta para toda essa enxurrada de questionamentos e se tínhamos consciência da conjuntura política lá fora? Nós sabíamos a resposta, mas em nenhum momento parávamos para nos autoquestionar sobre o que estávamos fazendo, pelo o que lutávamos e porque estávamos fazendo.

Mas foi em uma dessas tardes de junho, enquanto recebíamos pessoas de todos os cantos, que pela primeira vez nós não tínhamos mais a resposta, porque a pergunta mudou. Dessa vez a pergunta era: "o que estávamos sentindo?" E nós não tínhamos palavras exatas para descrever, eu não sabia responder essa pergunta... E para falar a verdade até hoje não sei, apenas sinto.

A Aline, quando chegou na Ocupação trazendo essa pergunta, foi a primeira pessoa a nos encarar como pessoas, não apenas como estudantes secundaristas que tentavam revolucionar a educação, mas como adolescentes cansados, assustados e muito ansiosos (que de fato éramos). Assim, ela propôs uma atividade: trouxe doces, livros, chá quente (o que foi muito cobiçado, pois era junho e estava muito frio). Fez com que encarássemos uns aos outros e principalmente, fez com que pudéssemos nos sentir novamente como adolescentes que queriam muito comer, rir, brincar, conversar sobre filmes, livros e até mesmo sobre a conjuntura política, mas não com a mesma pressão de alguém que espera que façamos alguma coisa imediata e que dê resultado.

Foi em uma noite bem fria de junho que comemos pizza, rimos, brincamos, conversamos, pudemos conhecer a Aline e os amigos dela, pudemos dizer pra ela quem nós éramos e quais músicas gostávamos de ouvir, foi nessa noite que nos foi proporcionado, através dela, que pudéssemos ser adolescentes.

Ao ler as histórias deste trabalho e pensar, ao mesmo tempo, na minha convivência com a Aline, percebo que ela encara as pessoas de um modo diferente, que a *“mesma pólvora que pode fazer raios de tiroteio em gente que não presta, pode também fazer foguetório de estrela em festa”* (MACHADO, 1982). Ela vê no jovem que ninguém mais acredita, que todos temem ou odeiam - já nem mais o enxergam como um adolescente-, meninos que só precisavam de alguém demonstrando que se importa, precisavam de amor, e que alguém o questionasse sobre como ele se sentia.

Eu continuo sem a resposta sobre o que eu sentia! Simplesmente relatar todos os fatos; o que vi, o que fiz e porque fiz, é diferente de descrever o que eu sentia naquele momento. Naquelas tardes de junho, nas noites frias, nas mobilizações de rua, nas reuniões com o governo. Quando eu vejo as fotos, releio as notícias do jornal daquele período, encontro alguém que novamente me questiona sobre o ato político, eu, de alguma forma (re)sinto o momento que vivi, a sensação que passava por mim enquanto vivenciava aquele momento, mas nenhum dicionário soube encontrar a palavra para nomear aquelas sensações, eram tantas sensações, mas que não tem nome.

Para aqueles que nos questionavam, que nos visitavam, para os curiosos, para aqueles que acompanhavam pelas mídias o Movimento de Ocupações dos Estudantes Secundaristas, pelo mundo todo éramos vistos como um Grande Tirano ou um Grande Herói, mas nós éramos e ainda somos apenas adolescentes. Foi assim que a Aline nos viu: adolescentes que contestam e lutam pelo o que acreditam, determinados a conquistar direitos, mas ainda assim, adolescentes com vontade de comer pizza.

Luiza Nivov

"Ocupa eu,
ocupa tu, ocupa
ele, ocupa ela,
ocupa TUDO MUNDO!

Filosofias em ação
direta."

LIVRE

Público: ~~acima de 16 anos.~~

sala: 4/02

Do dicionário Aurélio, 2017:

0.CU.PAR

v.t.d. 1) Estar ou ficar na posse de. 2)Tomar Posse de.3)Tomar (um lugar) à força; invadir, conquistar. 4)Habitar. 5) Preencher: "A arte ocupa a sua vida." 6)Empregar, aproveitar. 7)Dar trabalho ou ocupação a. 8)Tomar (tempo); levar. Td; 9) Ocupar (6 e7) P. 10) Dedicar-se a; cuidar de: ocupar-se com (ou de leituras). 11) Tratar. 0.CU.PAN.TE adj S2g

I

Aqui estou eu, sentada em frente a este computador, tentando reunir forças para começar a escrever este texto. Um texto necessário e obrigatório, que quer ser simples, literário, apontando uma conclusão de um estado de residente. Texto que requer ser lido e revisado muitas vezes. Texto que nunca estará pronto. Texto que tem defesas de concepções políticas. Texto narrativo a partir de um exercício de cartografar experiências dentro de uma experiência, que parte do percurso de uma residente em saúde mental coletiva, em um contexto político nacional caótico.

“Aqui, pesquisar não tem mais a ver com saber sobre, pois se trata de saber com. Habitar um estado de coisas, seus trajetos possíveis, seus incompassíveis, subtrair o que insiste e produzir com. Operar por subtração, cortando da folha em branco as palavras já cansadas de tanto dizer o mesmo, produção de um som menor que coabita o território dos sons, fazendo com que este território abra novas combinatórias, insistência no retorno da potência de diferir. Busca-se o que é menor, aquilo que agita um estado de coisas, que faz problema, deste modo, ouvidos, narizes, bocas, mãos se põem a vasculhar um acontecimento. [...] Escrever, filmar, fotografar, dança, encenar, pintar, pensar com o que acontece: dar corpo a um acontecimento se relacionando com este através da ciência, da arte e da filosofia. A linguagem ajudando a dizer aquilo que lhe ultrapassa, traçados sempre provisórios e frágeis de um ‘sempre em processo’, o inacabado de *um como*.”

(ANGELI, COSTA, FONSECA, p. 45 e 46, 2012. Grifo do autor)

Vivemos tempos de tirania, tempos que temos de lutar para manter direitos básicos, já garantidos na Constituição Federal de 1988. São tempos difíceis de viver, até o ar parece mais pesado de respirar. Momento em que se acentua a precarização dos serviços públicos para tentar justificar privatizações, em que se explora ao máximo os trabalhadores deixando-lhes sem receber salário, em que se corta recursos - que já eram baixíssimos - que subsidiavam a saúde, a assistência social e a educação. Parece-me que as políticas públicas não tem feito sentido, não tem sido sustentadas de nenhuma forma pelo Estado. Tentativa de Estado Mínimo.

A comida está mais cara, a luz elétrica está mais cara, a água encanada está mais cara, a moradia está caríssima! O povo paga impostos caríssimos sob tudo. Em Porto Alegre, na distância de um quilometro encontra-se no mínimo cinco pessoas em situação de rua, encontra-se pessoas pedindo dinheiro principalmente para comer, encontra-se crianças e adolescentes vendendo balas de goma/mandolante/pano de prato, muitas delas deficientes físicas. A miséria aparece a cada passo que damos na cidade, basta olhar ao redor...

Estamos em guerra civil! Estamos em guerra civil faz muito tempo, nas favelas aumenta a cada dia o número de jovens negros mortos. Mortos pelo conflito entre seus grupos do tráfico, mortos por cobranças de dívidas, mortos (e torturados) pela polícia militar, mortos de bala perdida, mortos de fome, mortos de frio, mortos! Mortes que são legitimadas pelo Estado, e que se sustentam socialmente.

Durante as manifestações contra Projetos de Emendas Constitucionais em 2016, a juventude branca, da classe média, pergunta-se onde está "a periferia" para lutar também pelos seus direitos?

Mesmo em crise a indústria bélica não para de crescer! Mesmo em crise a indústria de psicotrópicos não para de crescer! Mesmo em crise há bombardeiros de gás "de efeito moral", nos quais cada bomba custa o salário base dos Policiais Militares. Mesmo em crise os governantes aumentam os seus salários. Mesmo em crise seguimos pagando uma dívida aos grandes empresários e banqueiros. Que dívida?

Dentro deste contexto resiste a produção de vida, a luta por uma existência digna, a alegria, o sonho de uma transformação social em que possamos dividir as riquezas e não as tristezas da pobreza.

"Mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago". (Rolnik - p.15 e p.16 - Cartografia sentimental)

É no encontro com a juventude que me percebo em um *ethos*.
O ethos de ocupar.

Falamos juventude assim, no singular, entretanto são muitas as juventudes. Resistem as juventudes! Que lugares estas juventudes ocupam?

Tenho me perguntado nestes últimos dias, frente a tudo isso que estamos vivendo, o que é realmente ocupar-se de algo? De que tenho me ocupado ao longo destes dois anos de residência? Com o que me ocupei? O que ocupei? Por que ocupei/ocupo?

Nos próximos capítulos tentarei responder estas perguntas com algumas histórias que realmente aconteceram durante este tempo, quando estive ocupando o lugar de residente em saúde mental coletiva. São histórias de encontros com jovens, de encontros de jovens com a literatura, de encontros de jovens com as políticas públicas, de encontros de jovens com...

ALUGA - SE
OU POEMA - SE



ERA UMA VEZ UM TIRANO

ANA MARIA MACHADO

Uns dizem que esta história aconteceu há muitos e muitos anos, num país muito longe daqui. Outros garantem que não, que aconteceu há poucos e poucos dias bem pertinho. Tem também quem jure que está acontecendo ainda, em algum lugar. E há quem diga que ainda vai acontecer. (MACHADO, 1982, p. 5)

Era uma vez um reino. Ou uma república. Essa é uma das coisas que não deu pra saber direito. Mas não tem importância. O importante é saber que era uma vez um país muito alegre e divertido, em que as pessoas davam muito palpite no jeito que queriam viver, mas também não esquentavam muito a cabeça com isso. Quem mandava era escolhido por elas - não sei se era presidente ou primeiro ministro. Esse negócio de todo mundo dar palpite às vezes ficava parecendo uma bagunça completa. Porque todos queriam falar ao mesmo tempo, cada qual gritava mais que o outro, às vezes até discutiam e brigavam, não era possível ficar sempre em ordem e tranquilidade. Mas no fim acabava dando certo. (MACHADO, 1982, p.6)

Foi por isso que apareceu o Tirano. Ou Déspota. Ou Ditador, tem muitos nomes. Quer dizer, um homem que não perguntou ao pessoal se podia ser presidente ou primeiro-ministro, expulsou quem tinha sido escolhido pela maioria e desandou a dar ordens e mandar em todo mundo, só porque era o mais forte.

Primeiro, implicou com isso de cada um ter uma ideia diferente.

-Onde já se viu? Por isso é que fica todo mundo discutindo ao invés de trabalhar. É uma perda de tempo...

E lá veio a ordem:

- A partir de hoje, só podem ter as minhas ideias.

(MACHADO, 1982, p.7)

**NÃO PENSE EM CRISE,
TRABALHE!**

FORA Michel Temer



ZOOM
EX 1000000000

II

Vou contar a vocês a história do Grande Menino, que pude conhecer quando trabalhei em um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil, na região metropolitana de Porto Alegre, no ano de 2015.

...

Era uma vez um grande menino, que era grande por muitos motivos. Ele era bem gordo, alto, inquieto e, sobretudo muito curioso. Ele tinha treze anos de idade. Logo que cheguei para trabalhar no CAPSi a equipe falava muito dele:

- Nós não sabemos mais o que fazer com o Valentín, ele não nos respeita!
- Sabia que uma vez ele agarrou a psicóloga pelo pescoço?!
- Ele mexe em todos os armários da nossa sala, quer ler até os prontuários!
- A gente deixa ele mexer no computador, e ele coloca música muito alto!
- Não aguentamos mais o Valentín, não sabemos o que fazer com ele!
- Ele cheira mal...
- Ele mora em abrigo...

- A vó dele não quer ele...
- Ele já foi abusado no abrigo onde mora...
- Ele é drogadito...
- Ele é gay...
- Ele já se prostituiu várias vezes para comprar droga...

Às vezes contavam estas coisas com raiva aos gritos - que todos os vizinhos podiam escutar -, às vezes era com vergonha sussurrando, às vezes era de um jeito mais cansado... Sempre era muito pesado.

Antes que eu pudesse olhar nos olhos de Valentín, já havia sido avisada de todas as precauções que eu deveria tomar. Para a equipe ele era um grande tirano... Ele não tinha mais jeito.

Convivi com Valentín durante muitas manhãs e tardes, nós conversamos, ouvimos músicas juntos, jogamos UNO e outros tantos jogos, lemos livros, passeamos pelo bairro, lanchamos juntos... Nunca tive medo do grande Valentín!

Houve um dia em que tive uma grande tristeza, dessas que duram semanas...
Dessas que doem quando lembramos.

Era uma quinta-feira - quando eu ficava no CAPSi o dia inteiro - de muito calor, bem cedinho da manhã, quando encontrei O Grande Menino sentado na calçada esperando que a porta da casa do CAPSi se abrisse para ele. Ele trazia uma mochila de roupas, alguns livros e papeis nas mãos.

Todos da equipe se perguntavam:

- Por que Valentín está aqui neste horário?

- Não é o dia, nem o horário dele!

Concluía de antemão:

- Ele deve ter aprontado alguma!

Vale havia sido expulso da casa de seu tio, estava morando lá fazia poucas semanas, antes disso ele estava em um abrigo, conveniado com a prefeitura daquele município, que o violentava cotidianamente.

A equipe dividiu-se para dar conta da situação de Valentín... Sua técnica de referência fez os contatos telefônicos que achou necessários: família, Conselho Tutelar, Juizado e Acolhimento Institucional.

Eu, junto de uma colega também residente, conversamos com Vale. Ele nos conta que foi expulso da casa do tio sem entender muito o porquê, e que este familiar havia o xingado muito dito coisas horríveis sobre a sua orientação sexual.

Sendo assim Valentín ficou vagando nas ruas da cidade durante toda a madrugada de quarta para quinta-feira, e amanhecera na calçada em frente ao CAPSi. Nesta andarilhagem ele teve de vender seu corpo em troca de cigarros e comida. Ele serviu aos prazeres de muitos homens adultos, jovens e velhos. Usou bebidas alcoólicas, usou crack, conseguiu uma carteira de cigarros... Comprou refrigerante e salgadinho.

Quando o encontramos, Vale cheirava muito mal, suas roupas estavam sujas e molhadas. Ele estava com muita fome!

Foi então que decidi ir com ele até a padaria que ficava muito próxima ao CAPSi, paguei com o meu dinheiro o café da manhã de Vale... Porque essa instituição de saúde, na qual eu trabalhava, não recebia recursos para alimentação, e não havia nenhum tipo de refeição neste serviço.

Esta foi uma das muitas vezes em que tive de pagar com o meu salário por coisas que são de direito das crianças e dos adolescentes, e o Estado nunca me ressarcia por isso!

Depois do café voltamos para casa do CAPSi, somos informados de que Valentín estava com uma audiência marcada e que sua avó havia sido chamada para comparecer. Aos sussurros me contam, sem que Vale escute, que o menino teria roubado o cartão de crédito do tio e gastado um alto valor durante a noite, e este teria sido o motivo da expulsão.

Ø Grande Menino fica nervoso com a notícia da audiência, fazia tempo que ele não via sua avó. Já haviam sido feitas várias tentativas para que Valentín pudesse ficar na casa desta senhora, porém nunca foi desejo dela tê-lo em sua casa.

Valentín se percebe imundo, e pede para tomar banho. Mas onde? Naquele CAPSi além de alimentação, também não havia chuveiro...

Saímos então, minha colega da residência e eu, em busca de um local para que ele pudesse tomar banho, e se preparar para a importante audiência. Ligamos para o CAPS AD III da cidade, onde certamente teria chuveiro, e combinamos com a coordenação de lá para que Vale pudesse tomar banho.

Valentín nos guia pela cidade que mal conhecíamos, e neste caminho nos conta a história desta noite que passou na rua. Junto desta contação de história ele fuma, um cigarro atrás do outro... Mal termina um cigarro, o atira na calçada e acende outro...

Chegando ao CAPS AD III ele consegue tomar banho, troca a roupa e tomamos o rumo de volta ao CAPSi. Na volta, seguem as histórias de violência, detalhes desta noite... Vale fala da relação difícil que tem com sua avó, que duvida que ela vá à audiência... Com brabeza ele nos diz que não quer que ela vá. Ele fala também repetidas vezes:

- Estou com sono!

No CAPSi, minha colega conversa com o restante da equipe que está muito assustada, com medo de que Valetín faça alguma coisa contra eles.

Eu fico bem perto de Vale, falamos dos livros que ele carregava, Don Quixote era um deles. Olhamos vários livros que estavam bagunçados em uma pequena estante da casa... O Grande Menino segue com sono. Convido-o a dormir várias vezes, mas ele não quer... Estava muito ansioso, e deitaria em um colchonete na garagem suja.

Tenho uma ideia! Peço licença a Valetín e solicito a chave da sala da Médica, esta sala era proibida para outros atendimentos. Abro a sala e preparo lá um cantinho com colchonetes, escureço o ambiente... Convido Valentín a ocupar a sala da médica junto comigo.

Vamos para lá, ele aceita deitar na cama que eu preparara e me pede que o acorde, porque ele tem medo de não acordar para a sua audiência. Além dos colchonetes, algumas almofadas e bichos de pelúcia que eu encontrei espalhados pelo CAPSi compunham aquele mini mundo, aquele cantinho onde Valentín podia confiar o seu sono a mim.

Vale abraça uma girafa de pelúcia, e deita-se me olhando. Eu sentada em uma cadeira ao lado de sua cama, conto a ele a história do Grande Tirano...

“Era uma vez um tirano”...

O Grande Menino adormece abraçado em uma girafa de pelúcia.



Giz de cera

Depois, o Tirano implicou com isso de cada um ter cores diferentes:

- Onde já se viu? Por isso é que fica todo mundo descombinando em vez de concordar. Não precisa de vermelho, nem de amarelo, nem de azul, nem nada disso. Pura perda de tempo...

E lá veio outra ordem:

- A partir de hoje, fica proibido ter cores.

Foi difícil, mas todo mundo tinha medo, que jeito? Ficou uma chatice. Tudo igual. As pessoas tiveram que se vestir de cinza. Os edifícios, as ruas, os automóveis foram pintados de cinzento. As árvores foram todas derrubadas, acabaram as flores, sumiram os passarinhos e as borboletas. Os jardins foram cimentados, a terra foi asfaltada, as verduras foram enlatadas.

As pessoas reclamavam em voz baixa:

- Assim não é possível! Onde já se viu?

Aliás, *Onde já se viu?* era uma das coisas que mais se perguntava naquele tempo, e naquele lugar, mas ninguém respondia, ninguém lembrava onde já tinha visto, ninguém reconhecia aquela época, como se nunca tivesse existido nada parecido. Onde já se viu? Alguém já soube? Já ouviu falar de coisa semelhante?

Mas tinha gente contente, claro, gente que não também não lembrava de nunca ter visto reino tão bom, tão no bem-bom. Os fabricantes de tinta cinza, de cimento, de asfalto, de latas e de outras novas utilidades esfregavam as mãos, de tanta alegria:

- Óba! Agora que já está tudo em ordem, vamos ficar ricos! Este novo país é um milagre.

Parecia mesmo. Ou um feitiço. Tudo cinzento, tudo sem discussão, tudo na mesma ideia e da mesma cor.

(MACHADO, 1982, pg. 8 e 9)



III

Era no final do outono de 2016, quando soube que os estudantes secundaristas estavam ocupando uma escola próxima a minha casa, bem pertinho, no mesmo bairro. Eu já sabia que isto estava acontecendo em todo o Brasil, como um fenômeno ainda à ser entendido... Um processo aberto e complexo. Os adolescentes reivindicavam a qualidade na educação, preocupavam-se, com estas ocupações, não somente com a estrutura física de suas escolas, mas com o ensino, sobretudo com o exercício de suas autonomias. Tomavam nas mãos os seus espaços de aprendizado, lugares nos quais passaram grande parte de suas infâncias sendo condicionados à ocupar um lugar socialmente de trabalhador.

Lembro-me de ir sozinha à escola, chegar ao portão já trancado por barricadas e entregar o meu documento de identidade para os meninos que estavam na portaria.

Uma dupla de estudantes me guiou pela escola, mostrando como estava organizada a ocupação: alojamentos, sala de reuniões, refeitório, banheiros... Falavam nas escadas, nas comissões, das reuniões diárias.

Perguntei:

- Como posso ajudar? Vocês precisam de quê?

Ouvi então os relatos de que haviam pessoas que estavam propondo oficinas dentro da ocupação. Que eu poderia procurar a Luiza, que estava na comissão de comunicação, para agendar uma oficina.

Ao mesmo tempo em que acontece este diálogo, ouço uma chamada... Um grito na porta do alojamento:

- Pessoal, vamos lá que vai começar a atividade! Não é pra ficar dormindo!

Logo concluí:

- Acho que eles não estão muito afim de oficinas neste momento.

Eles estavam em um número muito pequeno de estudantes naquela ocupação, estavam cansadíssimos. Alguns não dormiam há três dias, vários não haviam voltado pra casa. Além de dar conta da gestão da ocupação, com todas as tarefas que isto implica, ainda teriam de participar de muitas atividades que as pessoas de fora estavam propondo. Agendavam, realizavam a sua oficina, e iam embora com a sensação de dever cumprido.

Atividades para dar visibilidade, atividades para mostrar que não estavam lá para fazer bagunça, atividades que eram demanda mais dos de fora e do que dos de dentro, naquele momento...

Veio em minha memória, enquanto assistia aquela cena - podendo sentir no meu corpo - a lembrança dos vinte e três dias que eu havia passado em uma ocupação dentro da Universidade, enquanto eu fazia a graduação, em junho de 2013.

Lembrei que precisávamos de apoio: GENTE! Precisávamos de gente para dormir na ocupação, para estar conosco, um apoio presencialmente. Precisávamos descansar!

Diante disso, agradei a atenção do pessoal e voltei para casa. Fiquei durante uma semana refletindo sobre como poderia realmente ajudar em algo... O que eu gostaria que tivessem feito por mim enquanto eu era estudante-ocupante? Como poderia contribuir para aquele movimento, sem interferir no processo de construção de autogestão daquele grupo?

Voltei em uma outra noite à escola, ainda sem saber as respostas para aquelas perguntas, participei de uma assembleia... Antes de me apresentar os jovens já sabiam que eu era "a guria da UFRGS". Engraçado que sempre que nos apresentamos, logo depois de dizermos o nosso nome revelamos qual a nossa profissão. Observei os olhares curiosos, de estranhamento, quando disse que era pedagoga e estava trabalhando com saúde mental... Disse que estava ali para apoiá-los no que precisassem, deixei o meu número de telefone e o Facebook.

Durante a assembleia pude perceber a exaustão daquela galerinha, o quão difícil estava sendo resistir. Eram muitos conflitos: com a direção, com os familiares, entre colegas que não eram ocupantes e sobretudo com algumas organizações políticas específicas.

Uma principal pergunta ecoava sem resposta:

- Até quando ficaremos aqui?

Volto para casa novamente, pensando em como iria oferecer apoio para aquele grupo.

O fenômeno das ocupações secundaristas estava sendo discutido em todos os espaços em que eu estava frequentando, inclusive em reuniões de colegiado da Residência fazíamos naquela época um amplo debate sobre como poder incluir em nossos planos de trabalho o apoio a estas ocupações.

- Apoiar como?

Era a nossa maior questão.

Depois de já ter me aproximado, tomado a posição de observadora e rememorado muitas sensações do Movimento Estudantil... Tomei minha decisão.

Entrei em contato com a Luiza, menina responsável pela comunicação e agendei um horário à noite.

Chamei pessoas queridas por mim... Amigas, colegas de profissão, nosso Grupo de Extensão Geringonça.

Convidei para fazermos um Momento de Cuidado, como chamamos na Saúde Mental Coletiva, com os integrantes da Ocupação.

Era planejamento do Momento de Cuidado:

- Levar coisas gostosas de comer e chá;
- Fazer uma roda de conversa livre que partisse das apresentações de todos;
- Fazer uma roda de massagem mútua;
- Conversar sobre como os ocupantes estavam se sentindo.
- Contação de história - "Era uma vez um tirano" da Ana Maria Machado.

Eu havia decidido que iria dormir na escola naquela noite, e de surpresa Dani (a orientadora deste Trabalho de Conclusão de Residência) e eu iríamos proporcionar o jantar de todos: pizza!

Após o jantar, fizemos a assembleia do dia. Eles contaram como estavam acontecendo as ocupações dos espaços internos da escola, cuidados que estavam tomando. Dentro deste relato, falam a respeito das chaves:

- Temos a chave de todos os espaços da escola, até dos laboratórios, a única chave que não temos é a da biblioteca.

Logo em seguida desta fala, alguns demonstram a sua insatisfação em não poder ter acesso aos livros. Muitos ali estavam no último ano, e iriam prestar vestibular precisavam realizar as "leituras obrigatórias".

Perplexa com este fato simbólico, não me contenho e pergunto:

- E porque vocês ainda não arrombaram a porta da biblioteca?

Impulsionados por esta questão, inicia um burburinho...

- Quem vota em arrombar a biblioteca essa noite?

- Vou pegar o pé de cabra, quem me ajuda?

- Lá tem câmeras!

- Foda-se, a escola é nossa!

- Eu posso fazer a função da bibliotecária, vou anotando todos os livros que nós pegarmos...

Foi assim que participei de uma ocupação dentro de uma ocupação! Todos entraram fascinados, olhando para os moveis novos que eles desconheciam, analisando os livros... Me mostrando que histórias gostavam mais. Alguns diziam:

- Esta é a primeira vez que entro na biblioteca da escola!

Durante o Momento de Cuidado, não havia sobrado tempo para contar a história do Tirano, da Ana Maria Machado. Decidi então, contar ali, dentro da biblioteca em plena madrugada.

Hora do conto na biblioteca ocupada!

Todos eles se sentaram em uns sofás, com vários cobertores de lã... Me olhavam atentamente. Amaram a história que eu trouxera!

Logo depois uma observação:

- Nossa! Fazia muito tempo que eu não ouvia uma história assim lida por alguém... Me lembrei de quando eu estava no pré e a professora contava histórias pra nós. Me senti na hora do conto.

Pensei sobre isso durante muitas semanas, me emocionei e ainda me emociono com esta fala. Lembro dos olhos brilhantes da menina que podia ler os livros que precisava para o Vestibular.

Conheci adolescentes fantásticos, com coragem e vontade e mudar o mundo. Adolescentes que me impulsionaram para seguir acreditando em uma transformação social.

Onde já se viu os alunos não terem a chave da biblioteca da própria escola? Onde já se viu alunos nunca terem entrado em uma biblioteca? Onde já se viu alunos chegarem ao Ensino Médio e só se lembrarem de terem ouvido uma contação de história na pré escola?

Segui apoiando a ocupação, em contato com frequente com a Luiza. Visitei a escola outras vezes, fui assistir ao debate que ela participou na Faculdade de Educação da UFRGS. Depois que terminou a ocupação do Colégio seguí em contato com a Lu, pude a reencontrar em ocupações dentro da UFRGS reivindicando as Cotas, em ocupações da rua, em protestos...

Luiza me fez lembrar de quem eu fui, da adolescente do grêmio estudantil do Colégio de Aplicação da UFRGS, da estudante de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS que foi da gestão do Diretório Acadêmico durante toda a graduação... Fez eu enxergar que militância exerço no mundo hoje, a partir de sua prática. Com a Lu eu tive outra relação, não era nem terapêutica nem pedagógica, era/é uma relação que não cabe em uma palavra, não condiz com nenhum papel socialmente estabelecido... Preferi deixar que ela pudesse falar da relação que tivemos/temos, e principalmente dizer do processo de ocupação que viveu.

“O trabalho dos revolucionários não é ser portador de voz, mandar dizer as coisas, transportar, transferir modelos e imagens; seu trabalho é dizer a verdade lá onde eles estão, nem mais nem menos, sem tirar nem por, sem trapacear. Como reconhecer este trabalho da verdade? É simples, tem um traço infalível: está havendo verdade revolucionária, quando as coisas não te encham o saco, quando você fica a fim de participar, quando você não tem medo, quando você recupera sua força, quando você se sente disposto a ir fundo, aconteça o que acontecer, correndo até o risco de morte.” (GUATTARI, Revolução molecular:Pulsações políticas do desejo - 1987)

“Sou Luiza, hoje tenho 17 anos e sou aluna do Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio. No dia 14 de maio de 2016, com 16 anos eu ocupei minha escola, na época o Colégio Estadual Paula Soares, éramos cerca de 40 jovens determinados, indignados, dispostos a derrubar um sistema educacional falido, um governador corrupto e irresponsável e revolucionar a história da educação pública, salvar nossa escola, salvar a educação pública e de qualidade não somente para nós, mas principalmente para as futuras gerações.

Com nada além de muita vontade e muito debate ocupamos durante 38 dias, 38 dias convivendo com o constante desconhecido, sem ter a menor ideia do que esse ato viria a se tornar, nós nos organizamos, estudamos, discutimos e depois que percebemos que o que estava sendo feito era um ato político que ficaria para história nós resistimos, resistimos à repressão, à violência mental e física, à fome, ao frio, ao desconforto, ao medo, às ameaças, resistimos ao Estado de repressão!

Aqueles colegas que para muitos de nós nunca existiram, hoje alguns eu tenho o orgulho de chamar de irmãos, aquele prédio que antes não passava de uma estrutura velha que eu passava algumas horas da semana por imposição, passou a ser minha casa, nós éramos mais no que nunca parte daquela instituição, que muito além de um prédio velho, era uma intuição que contava uma história.

Tivemos a oportunidade de por em pratica tudo o que futuramente iríamos estudar, construímos ali uma mini sociedade autogestionada, cada um de nós colaborava com o que sabia, ensinava e aprendia, crescemos uns com os outros em poucos dias o que não crescemos em anos dentro da escola, vivemos momentos de tensão, medo, paixão, ódio e alegrias de maneira muito intensa com pessoas que em maioria tínhamos acabado de conhecer. Adolescentes de 13, 14, 15, até 18 anos ensinaram ao país uma nova forma de fazer política e de reivindicar seus direitos, tomar de volta o que é nosso que por muito tempo o governo nos tirou!

O movimento dos secundaristas revelou a demanda por participação dos alunos na vida escolar. Nós somos os maiores afetados quando se trata de mudanças e reformas na educação, temos muita a dizer sobre nossa escola e queremos ser ouvidos! Inspirávamos na Revolução dos Pinguins de 2006, mas construímos nossa própria história!

Saímos do movimento mais experientes, exaustos, porém mais contestadores e desobedientes! Organizados, mobilizados e dispostos a não deixar que o incêndio apague e que a luta canse, dispostos a conscientizar ainda mais estudantes sobre a realidade que o governo nos submete e a unificar cada vez mais forças para lutar contra isso.

Hoje, outubro de 2016 existem mais de 500 escolas ocupadas no Paraná contra a Medida Provisória 746 de 23 de setembro de 2016, anunciada pelo Governo Temer que vai reformar o Ensino Médio sem que haja diálogo algum com a comunidade escolar começará a ser implementada já a partir do ano que vem em todo o país.

O ministério da Educação afirma que a reforma do Ensino Médio irá aumentar o número de escolas em período integral e oferecer uma formação voltada aos interesses dos alunos, que poderão optar por uma das cinco áreas: ciências humanas, ciências da natureza, linguagens, matemática e formação técnica profissional. As polêmicas envolvem a desobrigatoriedade das disciplinas de Artes, Educação Física, Sociologia e Filosofia, disciplinas que estimulam o pensamento crítico. Essa reforma deve ser pensada e muito bem debatida com quem vive dentro do sistema educacional atual no Brasil, pessoas que conhecem a realidade das escolas brasileiras, professores, estudantes e coordenadores.

A partir da implementação da MP 746 carga horária anual saltará de 800 horas aula por ano, o que equivale a cinco horas de aula por dia, para 1.400 horas aula por ano, ou sete horas aula por dia. O Governo Federal espera que tenhamos que ficar sete horas por dia em uma sala de aula sem a menor infraestrutura com a justificativa: "para educação na há verba". Sete horas para um estudante que hoje passa dias sem almoçar pois o intervalo entre a saída da aula e a ida para o estágio é muito curto vai consequentemente aumentar a evasão das escolas o que para um governo que tenta nos transformar em operários alienados é excelente, educação e pensamento crítico derruba o Estado.

"Transformar a educação é urgente! reformá-la com urgência e via MP é inconsequente!" Precisamos debater sobre a MP, precisamos debater sobre a reforma da educação, precisamos estimular jovens a pensar e questionar, precisamos ter pensamento crítico.

Somos aqueles que resistem, aqueles que lutam, estamos aqui, seremos ouvidos e não desistiremos até conquistar todos os nossos direitos!"

Luiza Ninov - Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio

A NOSSA
LUTA NÃO
VAI PARAR

[...] em geral, era só um país cinzento e chato. Muito chato. Ainda mais que o Tirano fazia todo mundo trabalhar sem descanso, porque tudo era muito caro, as pessoas ganhavam muito pouco, moravam muito longe do trabalho e os transportes eram muito ruins, em trajetos muito complicados, para poder demorar muito tempo. Assim ninguém tinha a chance de conversar, de procurar um lugar onde ainda houvesse verde, ou de pensar. Dessa maneira, o Tirano tomava conta de todos, com a certeza de que não havia nenhum perigo de voltar toda aquela bagunça de antes.

Só que às vezes, de noite, mesmo um trabalhador muito cansado não dormia logo. Tinha vontade de sair para procurar um amigo e conversar. De conversa em conversa, as ideias aparecem. E as conversas e ideias são grandes inimigas dos Tiranos. Por isso o Tirano decretou:

- Esse negócio de ficar fazendo reunião atrapalha quem quer trabalhar em paz, prejudica o país. Assim não dá certo. Está proibido.

E então, quem não quisesse cair no sono geral e apagar de uma vez, só podia pensar, lembrar e sonhar. E era isso o que acontecia. Assim volta e meia, em alguma casa, se via de noite alguém numa janela ou numa varanda, com ar pensativo, aproveitando que nessa hora tinha menos fumaça e se podia ver as estrelas. Como o Tirano não entendia muito de ideias ficou achando que a culpa das pessoas terem pensamentos era toda das estrelas. [...]

E tratou de proibir também:

- A partir de hoje vamos ter toque de recolher!

No começo, ninguém sabia muito bem o que era:

- Toque de recolher, que é isso,

- Deve ser uma nova música que alguém toca.

- Vai ver, é uma nova dança, em que a gente se toca.

- Ou um jeito novo de colher alguma planta nova, que sabe...

Sempre ainda tinha alguém capaz de acreditar que alguma ideia do Tirano ia trazer uma novidade para melhorar o reino. Mas quando vinha a explicação a esperança sumia:

- Nada disso. Quer dizer que, assim que escurecer, cada um tem que ir para sua casa, se trancar, e não sair mais até amanhecer. E quem andar de noite na rua vai preso.

Era isso mesmo. Estavam proibidas as estrelas.

(MACHADO, 1982, p. 10, 11 e 12)



FRENTE BRASIL POPULAR
MULHERES

TEV

DAS MULHERES

TO
RA

A PREVIDENCIA
SOCIAL
É DOS TRABALHADORES
E NÃO DO CAPITAL

IV

Ouvi um pedacinho da história de Lázaro - Laza, como é chamado por todos, em uma rotineira reunião de equipe de um programa que atende jovens em cumprimento de Medida Socioeducativa. A pedagoga coordenadora do programa contava sobre uma conversa que ela havia tido, naquela semana, com a direção da escola na qual Laza estava estudando. Ela dizia que havia respondido ao diretor, em alto e bom tom:

- Então vocês já estão desistindo dele!?

O diretor da escola falava da sua dificuldade em trabalhar com Laza, relatava que ele era um menino muito indisciplinado, que não respeitava a sua figura de autoridade, não tinha medo, - o que para ele era muito estranho, já que todos tinham medo dele - que parecia estar drogado... Ele já havia tomado a decisão de que iria encaminhar Laza a Secretaria Estadual de Educação (SEC) para que ele fosse para outra escola, mas como a mãe do menino havia relatado que o filho estava em acompanhamento conosco o caso era diferente. Por isso o diretor se deu ao trabalho de nos telefonar. Agendamos uma reunião então, para a discussão deste caso.

Foi neste momento que conversamos em reunião sobre a situação em que Laza se encontrava, ele havia saído da internação em uma instituição de cumprimento de medida socioeducativa em privação de liberdade fazia pouco mais de um mês, estava confuso. Não sabia quem ele era... Que papel devia representar socialmente. Quem é Lázaro? O Nêgo *Ladaia*, ou o adolescente que busca retomar seus estudos na escola e trabalhar? O historiador, profissional de referência deste adolescente, conta sobre os usos de substâncias psicoativas que Laza estava fazendo, o quanto isso o preocupa... O quanto é difícil ele ir até a escola com a consciência alterada, o que essa substância produz em sua vida, que lugar ela ocupa. Pensamos: seria um caso de saúde mental? Foi neste momento em que, eu pedagoga residente em saúde mental coletiva e o historiador, decidimos que iríamos juntos na próxima semana a reunião com escola.

Meu colega e eu chegamos com antecedência na Escola, no dia marcado para a reunião. Conversamos mais sobre Laza, o historiador me conta sobre as infrações dele, sobre seu envolvimento com o tráfico, sobre a violência que o menino vem sofrendo... Combinamos de eu observar mais, me colocar pouco na reunião e fazer anotações. Entramos na escola, muito cordialmente nos recepciona o diretor - homem alto, grande, corpulento, imponente - e nos encaminha até a sala na qual seria realizada a reunião. Sentamos, chegam a vice-diretora e a coordenadora pedagógica agitadas. O diretor pergunta se ninguém mais vem, tendo em vista que a assistente social do Centro de Referência Especializado em Assistência Social havia sido convidada. Insistem em perguntar se somos psicólogos, explicamos várias vezes que não. Surpreendem-se com o fato de eu ser professora, como eles.

Pouco consigo descrever esta reunião, por ela ter sido muito difícil. Perceber o adoecimento dos colegas, ver que todos falam sem parar ao mesmo tempo... Tentar organizar falas. Receber uma pilha de documentos de todos os professores de Laza, que diziam que ele era indisciplinado... Vários relatos de insatisfação. Entretanto, no meio dos papéis, algumas provas mostravam o domínio que Lázaro tinha dos conhecimentos das disciplinas. Por fim sair sem nenhuma solução, e com o desejo dos professores da escola de que nós acompanhássemos Lázaro o tempo inteiro. Eles queriam que eu ou meu colega fôssemos todos os dias levar o menino à escola, e que ficássemos vigiando ele.

Seguimos conversando sobre isso em equipe, e sou convidada a realizar o Acompanhamento Juvenil de Lázaro.

Depois disso foram muitos meses de tentativas. Tentativas de estabelecer uma rotina dos atendimentos, tentativas de ajudar a família a se organizar, tentativas de auxiliar a escola com a educação de Láza... Eram atendimentos que duravam por vezes três horas, de falas intensas. Depois, passavam-se semanas até que eu conseguisse me encontrar com Lázaro novamente. Mas foi com o meu afastamento que nos aproximamos, por mais paradoxal que isso possa parecer...

Tive de me afastar do programa por algumas questões de saúde, durante uma semana... E depois viajei para o Nordeste do Brasil, para fazer um Estágio também em Saúde Mental.

Assim, Lázaro me procurou na internet, e pediu ajuda aos meus colegas do programa para me convidar para ser sua amiga no Facebook. Em Aracaju/SE, aceitei o convite de amizade, e passamos a trocar algumas mensagens. E um fato curioso acabou acontecendo, nesta rede social, Láza demonstrou ter gostado de uma foto minha, que estava em meu perfil, na qual aparecem os meus dois antebraços, os quais são tatuados.

Minhas tatuagens representam duas ilustrações do livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Muitos adultos, acadêmicos, amigos não sabem o que estas ilustrações significam, tampouco reconhecem que são deste livro. Entretanto, Lázaro as reconheceu.

Voltei de viagem, e nossa história já havia se transformado. Em nosso encontro após meu retorno, Láza me conta que tinha gostado muito das minhas tatuagens do *Pequeno Príncipe* e que este tinha sido o único livro que ele havia lido na vida.

Pergunto à ele se ele gostaria de conhecer uma biblioteca, e o levo até a biblioteca da Faculdade na qual eu havia me formado. Entramos, e ele procura o livro do Pequeno Príncipe... Acharmos apenas o livro com a escrita e ilustrações em Braile. Vejo os olhos dele brilharem... Passamos a olhar outros livros, e o brilho nos olhos de Lázaro só aumentava.

Neste dia ele levou para casa emprestado, o livro As Viagens de Gúliwer... Depois passamos algumas semanas sem nos encontrarmos. Ainda que eu telefonasse, que o procurasse... Ele marcava e não vinha. Eu tinha medo de que ele pudesse perder a vida, tendo em vista tudo o que eu sabia que estava se passando, sobretudo o envolvimento com o tráfico. Foram várias noites em que não consegui dormir, me perguntando: onde estará Lázaro?

Em equipe, decidimos chamar a família de Lázaro. Uma colega e eu atendemos a mãe dele, em uma manhã. Esta mãe nos mandava mensagens, nos ligava... Estava desesperada com a situação que o filho se encontrava.

Foi um atendimento muito intenso, que durou mais de uma hora e meia. Percebemos o quanto o caso desta família era muito mais complexo do que pensávamos. Encaminhamos em nossa preceptoria de fazermos uma reunião com o CREAS, para pensarmos em um acompanhamento mais integrado.

A partir do relato de Célia, soubemos que Lázaro tem mais seis irmãos todos maiores de idade (tirando a sua irmã gêmea), três homens e três mulheres. Todos os homens são usuários de Substâncias Psicoativas, sendo que um deles está em um uso muito abusivo de crack, e pela descrição da mãe parecia estar iniciando um quadro psicótico. Uma das irmãs estava em situação de rua, já com um quadro bem avançado de uso também de crack, com HIV positivo e em alto grau de vulnerabilidade social. Além destes filhos, existem as crianças que são sobrinhos de Lázaro, todos moram juntos.

A situação socioeconômica desta família me preocupava muito, eles sobreviviam com o bolsa família de Dona Célia Maria que não chegava a R\$800,00. Ela nos contava que ela fazia apenas uma refeição por dia.

- Sabe gurias, na hora do almoço tomo um copo d'água ou vou dormir para termos o que comer a noite... E as crianças se comem na escola.

Além disso, a mãe de Lázaro nos contava que o filho portava arma e que havia sido preso no último sábado, mas liberado. Conta que a relação deles era cada vez mais difícil, tendo em vista que Lázaro estava muito agressivo com ela. A rotina do menino era dormir até as 16h quando estava em casa, tendo voltado da rua por volta das 7h da manhã de segunda à quarta-feira. Além disso, ele tem ficado de quinta à segunda-feira fora, sem que Célia soubesse onde ele estava.

Célia Maria dizia que não aguenta mais, que precisava muito de um tempo para ela, tinha desejo de fazer muitas coisas na sua vida, mas que não conseguia por estar sempre envolvida com as questões de todos os filhos, sobretudo as de Lázaro.

Neste mesmo dia atendemos Lázaro... Ele veio um pouco antes do horário combinado, a tarde, conversamos com ele o historiador e eu. Conforme tinha sido solicitado por Láza, quando fiz contato telefônico agendando o atendimento. Ele precisava falar também com meu colega a respeito das questões judiciais, já que havia sido preso no sábado.

Lázaro entrou na sala com uma expressão muito melancólica, sua fala me parecia cansada e triste. Via uma profunda tristeza em seu olhar. Depois que falamos das questões jurídicas, e do que havia acontecido para ele ter sido preso, meu colega de trabalho nos deixa a sós.

Ele ficou mais calado... Com olhos atentos aos murais de fotos, ele se vê em várias delas e vai me contando dos dias das oficinas, de quando estas fotos foram tiradas. Convidei ele a tomar em mãos as fotografias. Ele ficava se admirando... Perguntei: o que tem de diferente no Lázaro das fotos e no Lázaro de hoje? Ele me responde... "BAH! São muitas coisas..." Em seguida ele me falou: "Quero morrer!" Quando questiono o porquê ele me diz que a vida não tem mais graça... Disse a ele que estava percebendo o quanto ele estava se colocado em risco, e que realmente estas ações podem gerar consequências bem graves.

Ficamos os dois em silêncio, por um tempo. Mesmo que angustiada por saber como ele estava, sustentei este silêncio por alguns instantes. Fomos interrompidos pelo barulho da outra sala, na qual falavam a respeito das eleições municipais... Lázaro comentava um pouco sobre o assunto, e eu pedi ao restante do pessoal para falarem mais baixo. Percebia o quanto o estar ou não naquela sala cada vez mais fazia diferença... Quando estávamos na sala o atendimento se dava de uma forma mais truncada, mas quando estávamos na rua as coisas sempre fluíam mais.

Observei que ele trouxe o livro "As Viagens de Guliver" para devolvermos na biblioteca. Perguntava como havia sido a leitura, ele me dizia que esperava mais do livro. Neste momento ele me falou: "Hoje eu vou ir lá naquela escola Paulo Freire, ver se tem vaga pra mim." Sem muito pensar perguntei se ele queria que eu fosse junto, e sugeri de irmos naquele momento.

Perguntei a ele se tem perigo de eu andar ao seu lado na rua, já que passaríamos pelo parque da Redenção. Ele me falou que sempre teve perigo, basta estar vivo e circulando pela rua... Sugeri então de eu deixar todas as minhas coisas e ir com meu crachá da UFRGS pendurado no pescoço. Aí ele ri e diz: "tu vai parecer polícia me acompanhando, mas acho que vai dar certo".

No trajeto nós conversamos sobre muitas coisas, dentre elas sobre o uso de drogas. Lázaro contava do seu irmão que usa crack, diz que não queria ficar igual a ele, por isso fazia três dias que não usava cocaína. Achei muito interessante a análise que Lázaro fazia do uso de substâncias associado ao trabalho das pessoas... Fala sobre os seguranças/policiais/agentes da FASE que precisam usar pó. Fala sobre o seu outro irmão, que para se acalmar usa maconha, para poder dar aula. Pergunto a ele qual seria a sua profissão, e o que ele precisaria usar... Ele me dizia: "Eu sou ladrão! Esta é a minha profissão!" Ainda completa dizendo que se ele não existisse, a polícia não teria emprego.

Convidei-o a refletir sobre como seria uma sociedade sem polícia, e sem pobreza, que as pessoas não precisassem roubar. Uma sociedade na qual a droga pudesse ser legalizada... E ele me diz que isso é impossível acontecer.

Fomos à escola, onde havia estudado e sido expulso, pegar o seu histórico escolar. Depois vamos para a nova escola. Nessa instituição conseguimos uma vaga para manhã, fizemos uma entrevista. Fica tudo encaminhado para sua mãe acompanhá-lo na segunda pela manhã, fazer a matrícula e ele iniciar os estudos. Na escola, Lázaro encontra Mariana, e me mostra que foi ela quem o convidou para ir a escola... Quando ele me apresenta, ela pergunta a ele "o que quê ela é tua?" e ele responde "ela é minha *bruxa*".

Bruxa, sinônimo de amiga.

No caminho de volta, tento marcar com ele um horário fixo para os nossos atendimentos, explico que não é possível ficar recebendo ele qualquer horário, e também digo que falaremos principalmente pessoalmente. O Facebook seria para recados. Lázaro não consegue se comprometer com um dia da semana, ficamos com TALVEZ sexta de manhã. Lázaro vai embora com mais um livro, agora o do Pequeno Príncipe que eu havia comprado, e o seu histórico escolar junto da lista de documentos necessários.

Nesses dias me sentia exausta, e também muito impotente; me via tomada pelo afeto dessa relação. Paradoxal era a potência que via em Lázaro, um jovem muito inteligente, que me surpreendia com sua maturidade, as discussões políticas e filosóficas que se colocava. Muitas vezes esquecia que ele tinha apenas 15 anos de idade. Ele também me fazia lembrar de quando fui adolescente, dos meus sonhos de mudar o mundo, da força que eu tinha...

Ficava pensando, qual é o lugar que ocupava na vida de Lázaro?

Por que me chamar de bruxa?

Querida eu poder fazer poções, ter poderes mágicos, poder voar em uma vassoura... Afinal os dias seguintes ao dia da matrícula fugiram da expectativa, não foram dias de rotina escolar, e sim de uma nova rotina de privação de liberdade em uma instituição total.

Muitas foram as visitas que fiz a Lázaro nesta instituição, durante três meses nos vimos semanalmente. Durante estes encontros ele se descobriu um leitor, mas não um leitor qualquer...

Em um dos primeiros atendimentos ele me conta que leu, durante um período de isolamento individual, o livro “Os Miseráveis” de Victor Hugo. Começa a narrar a história em detalhes, com uma interpretação fantástica... Perplexa, digo à ele:

- Tu sabia que este livro é da época da Revolução Francesa?

Voltei para casa naquele dia com a sensação de que algo grandioso iria acontecer. Decido, na semana seguinte, levar para ele ler “A Metamorfose” de Franz Kafka.

Falamos sobre o título do livro A METAMORFOSE, o que significa esta palavra? Laza dizia conhecer apenas da música do Raul Seixas... “eu prefiro ser esta metamorfose ambulante...” Embora já tivesse escutado, ele não sabia o significado. Conversamos então sobre borboletas, sobre as fases que as borboletas vivem, sobre transformações. Lagarta, casulo e borboleta.

E mais uma vez ele me deixa perplexa:

- Eu já passei por três FASES: provisório, CSE e aqui. Agora só falta virar borboleta!

Falamos sobre casulo, e ele conclui: “Acho que nem todo mundo precisa ficar preso para virar borboleta.”

As semanas seguintes foram de mais leituras, conversando com as profissionais que acompanhavam ele nesta instituição indiquei que ele pudesse fazer algum grupo de leitura na biblioteca...

Em um novo encontro ele me conta que havia procurado livros sobre Kafka e Freud na biblioteca, e que estava conseguindo entender mais as pessoas depois de ler Freud.

Ficava encantada ao perceber a enorme capacidade de compreensão da linguagem, as análises, a interpretação dos textos... Fui levando mais livros para ele ler. Nos transformamos!

Ao final do tempo da internação, ele já estava muito ansioso para ir embora, e produzia origamis para presentear as pessoas que estavam do lado de fora. Um dos presentes que recebi dele, foi um flor de lótus. Houve um dia, lá no início, em que os atendimentos estavam difíceis de acontecer que fiz o desenho de uma flor de lótus para ele junto de uma escrita, falávamos o quanto a flor era bela, mesmo que tivesse saído do lodo. Ele lembrou...

Dei a ele de presente de Natal alguns livros... Dentre eles outro do Kafka, que havia se tornado o seu autor favorito. Entre livros e origamis, encerramos formalmente o nosso acompanhamento no ano passado. Entretanto sei que ainda seguiremos nos acompanhando, mesmo que de longe.

Lázaro foi para mim um presente da Residência na resistência!



FRANZ KAFKA
A METAMORFOSE

V

Valentín era um menino, de oito anos, que morava com sua avó. Ela o amava muito, e cuidou dele até o final da sua vida. Vale, sonhava em ser cosmonauta... Porém ele existiu apenas no filme "El Sueño de Valentín" (2002) de Alejandro Agresti. Utilizei este pseudônimo, para falar do grande menino, da primeira história. Gostaria muito que ele tivesse acordado do sono - junto da girafa de pelúcia - com a notícia de que iria para casa, com a sua avó. Entretanto, não foi isso que aconteceu... Ele não pode ir a audiência, e sua avó se negou a cuidar ele. Este menino é hoje, um dos muitos adolescentes que (sobre)vivem em casas de acolhimento, sob custódia do Estado.

Luíza passou no Vestibular da UFRGS, e começará a cursar Ciências Sociais. É cotista negra e foi estudante de escola pública. Hoje ela luta para conseguir efetivar a sua matrícula na universidade, as Políticas de Ações Afirmativas estão cada vez menos efetivas.

Em tempos de Acompanhamento Juvenil, eu ouvia muito um cantor que se chama Criolo... Ouvir as canções dele me ajudava, e ainda ajuda, a fabular algumas coisas difíceis do cotidiano. Uma de minhas preferidas era Cartão de Visita, do disco Convoque Seu Buda... Nesta música Criolo fala de uma entrevista que deu a Lázaro Ramos (ator da Rede Globo de Televisão), a entrevista falava sobre as classes sociais que existem em nosso país.

Eis o trecho da canção:

[...]

*Era tudo mentira, sonhei pra valer
Com você, eu ali, nós dois, cê vê tê
A alma flutua à leite, a criança quer beber
Lázaro, alguém nos ajude a entender*

*Acha que tá na mão, tá bom, tá uma festa
Menino no farol cê humilha e detesta
Acha que tá bom, né não, nem te afeta
Parcela no cartão essa gente indigesta*

[...]

Lázaro, é um homem negro de origem humilde, filho de Célia Maria. Nesta entrevista ele estava tentando nos ajudar a entender a desigualdade social, e é citado por Criolo. Utilizei estes pseudônimos relembando as cenas das canções, que também fizeram parte deste acompanhamento. Tenho certeza de que o Lázaro desta escrita nos ajuda a compreender não somente a desigualdade social, mas a dura realidade de muitos jovens negros que hoje vivem nas enormes favelas de Porto Alegre.

"Invocando paradigmas éticos, gostaria principalmente de sublinhar a responsabilidade e o necessário 'engajamento' não somente dos operadores 'psi', mas de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda etc.). É eticamente insustentável de abrir, como tão frequentemente fazem tais operadores, atrás de uma neutralidade transferencial pretensamente fundada sobre um controle do inconsciente e um corpus científico. De fato, o conjunto dos campos 'psi' se instaura no prolongamento e em interface aos campos estéticos. Insistindo nos paradigmas estéticos, gostaria de sublinhar que, especialmente no registro das práticas 'psi', tudo deveria ser sempre reinventado, retomado do zero, do contrário os processos se congelam numa mortífera repetição. A condição prévia a todo novo impulso da análise - por exemplo, a esquizoanálise - consiste em admitir que, em geral, e por pouco que nos apliquemos a trabalhá-los, os Agenciamentos subjetivos individuais e coletivos são potencialmente capazes de se desenvolver e proliferar longe de seus equilíbrios ordinários. Suas cartografias analíticas transbordam, pois, por essências, os Territórios existenciais aos quais são ligadas. Com tais cartografias deveria suceder como na pintura ou na literatura, domínios no seio quais cada desempenho concreto tem a vocação de evoluir, inovar, inaugurar aberturas prospectivas, sem que seus autores possam se fazer valer de fundamentos teóricos assegurados pela autoridade de um grupo, de uma escola, de um conservatório ou de uma academia... Work in progress! Fim dos catecismos psicanalíticos, comportamentais ou sistemistas". (Guattari - p. 22 - As três ecologias)

Talvez estas histórias possam ser as minhas pistas, com elas tanta experiência. Tanta vida! Ocupei tantos lugares, físicos e simbólicos. Me ocupei de juventude, de fazer saúde com a juventude, de aprender com eles a resistir. Um se ocupa de sobreviver, de implorar por acolhimento, por seus direitos em um serviço de saúde. Outra se ocupa da sua própria educação, ocupa o lugar de protagonista na construção do fazer político na vida e na escola (agora na Universidade). O terceiro se ocupa de poder se reinventar, é ocupado pela resiliência, consegue ir inventado novos modos de existir.

Todos se ocupam dos seus DIREITOS!



WINNA
G

LA

ERA UMA VEZ UM TIRANO

NÃO BASTA LER FOLICULT!

NÃO BASTA LER FOLICULT!

LOU(CURA)



REFERÊNCIAS

CRIOLO. **Convoque seu Buda**. Intérpretes: Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral. Oloko Records Copyright, 2014. 1 CD.

El Sueño de Valentín. Direção: Alejandro Agresti. Distribuidora: Miramax, 2003. 1 DVD (85 min).

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina. São Paulo: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: Pulsações políticas do desejo**. Editora Brasiliense: Rio de Janeiro, 1987.

FONSECA, Tania Mara; NASCIMENTO, Maria Livia; MARASCHIN, Cleci org. **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Editora Sulina: Porto Alegre, 2012.

MACHADO, Ana Maria. **Era um vez um tirano**. Editora Salamandra, Rio de Janeiro, 1982.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade: São Paulo, 1989.

FOTOGRAFIAS

- 1 **GRAFITE**, imagem retirada do site @olheosmuros.
- 2 **CARTAZ**, registro meu do cartaz de oficina ministrada por mim, nas Olimpíadas de Filosofia realizadas na PUCRS em 2016.
- 3 **TAPUMES**, registro meu a caminho da Oficina de Geração de Renda - Geração PoA, na Avenida Goethe em Porto Alegre em 2016.
- 4 **OUTDOOR**, imagem retirada do site de busca Google Imagens. Pesquisa: "não pense em crise trabalhe".
- 5 **CINZA**, imagem retirada do site de busca Google Imagens. Pesquisa: "grafite doria são paulo".
- 6 **MESA**, registro meu do momento de planejamento no CAPSi em 2015.
- 7 **ESCOLA**, registro meu da faixa de protesto na ocupação do Colégio Paula Soares, em Porto Alegre, 2016.
- 8 **CARTAZ**, imagem retirada do site da CUT.
- 9 **ORIGAMI**, registro meu - em casa - após receber de presente o origami, junto da devolução do livro, publicada no Instagram em Janeiro de 2016.
- 10 **MÍSTICA**, registro meu da ambiência que produzi para a defesa da primeira versão do TCR no EducaSaúde, em 2016.